

O Céu por cima de cá, de Companhia de Música Teatral

Apresentação

Gostaria de começar por agradecer o convite que me foi feito para colaborar nesta apresentação do livro-filme *O céu por cima de cá*. Acompanho já há cerca de vinte anos a atividade da Companhia de Música Teatral, pude acolher em minha casa uma residência artística que levou à criação de um dos seus espetáculos, sou amigo dos responsáveis por esta família criativa, mas devo confessar que desconheço o que me torna particularmente indicado para a função que estou aqui a desempenhar: aprecio música, mas não sou músico, gosto de falar em anjos e até de ser para algumas pessoas uma espécie de anjo da guarda, mas, de facto, não sou anjo, e, ainda que o céu passe muitas vezes pela minha imaginação, a verdade é que nunca lá estive. Não tenho, por isso, informações especiais a dar sobre esse lugar que parece estar no centro desta criação artística que, depois de partilhada sob a forma de espetáculo interativo, nos é agora oferecida no formato de livro-filme. Mas os responsáveis por este convite lá terão as suas razões que a razão desconhece.

Quando participei no primeiro espetáculo que teve lugar aqui em Vila Nova de Famalicão e a que tive acesso de modo condicionado, através da plataforma Zoom, escrevi algumas palavras, sob a forma de primeiras impressões, à Helena e ao Paulo, e gostaria de começar esta apresentação por as retomar integralmente, na medida em que as subscreveria hoje com tudo o que dizem dizendo e com tudo o que dizem sem dizer: "Está de facto muito poético, muito musical e muito etéreo, mas ao mesmo tempo sem abandonar a terra, com o que nela somos, como horizonte do céu (costuma dizer-se que o céu é o horizonte da terra, mas este espetáculo mostra-nos também que a terra — com os corpos e os objetos e o seu tempo e o seu ritmo —pode igualmente ser vista como o horizonte do céu). Por esse motivo, tudo o que é etéreo, divino ou angelical, acaba por ser reconduzido à dimensão do humano que somos e não podemos deixar de ser, mesmo quando sonhamos que somos anjos. Que o digam os anjos de Wim Wenders que, por vezes, se insinuam silenciosamente nas margens deste espetáculo."

Efetivamente, a grande pergunta que fazemos após um espetáculo como este ou após a leitura do livro que recolhe algumas das suas palavras, é esta: "De que falamos, quando falamos

do céu?” E a esta pergunta outras se sucedem: Que céu é esse que está por cima de cá? E haverá um céu por cima de lá? E como lá chegamos? Quem habita esse céu ou esses céus? Como nos chegam as suas vozes? E para que serve o céu? Para pensar na morada dos que partiram, lembrando-nos da resposta que, ainda crianças, nos davam quando, perante a morte de alguém, perguntávamos para onde foi e nos respondiam: “para o céu!”? São perguntas simples, mas, por vezes, as perguntas simples são as mais difíceis. Parecem perguntas de crianças, mas não são as perguntas das crianças as mais radicais e as mais autênticas?

Ao ler o “Manual de Instruções para entrar no Céu”, também chamado Guia para uma deambulação imaginária, damo-nos conta de que, afinal, mais do que um céu, há muitos céus.

Primeiro, porque, se compete a cada um, mesmo a partir de instruções comuns, entrar no seu céu, então é porque os céus são tantos quantos os que deambulam e procuram entrar nele. O que significa que o céu não será um só e universal, mas há um número infinito de céus, cada um à medida dos seus infinitos sonhadores.

Depois, porque se há dois céus do lado de lá ou por cima de lá, o céu onde dançam os pássaros e voam as nuvens (e pássaros e nuvens são metamorfoses de anjos que se querem aproximar dos humanos), e o céu para lá dele, onde estará o deus que não sabemos e os anjos que o celebram e de que misteriosamente percecionamos apenas cintilações luminosas no brilho das estrelas, há também um céu por cima de cá ou do lado de cá (talvez devêssemos dizer antes, muitos céus do lado de cá) que é aquele (ou aqueles) de que nos falam o espetáculo e o livro. Mas a que chamamos “lado de cá” e “por cima de cá”? Se os céus do lado de lá são os que ficam nos pontos de fuga do horizonte em que se prolonga o nosso olhar, então os céus do lado de cá e por cima de cá, e é esta a minha hipótese de leitura e de interpretação do espetáculo e do livro, são os céus no interior do nosso olhar, no interior deste limite que nos separa do mundo e do céu e que é o nosso corpo e a nossa pele, ou seja, que se situam no que poderíamos chamar a interioridade mais funda e mais profunda de nós mesmos, um por cima não em altura, mas talvez antes em profundidade. E essa interioridade, por o ser assim e desse modo, não é uma interioridade espacial ou material, mas uma interioridade anímica ou espiritual: é a região dos nossos pensamentos, das nossas ideias, dos nossos sonhos, das nossas forças e energias, dos nossos afetos. É com efeito aí que se vai desenhando, ganhando forma e conteúdo, ganhando

corpo, se assim nos podemos exprimir, "o céu do lado de cá". O "passo um" e o "passo dois" do algoritmo de adição de nuvens ao céu demonstram-no com toda a clareza: 1º "Abra o coração e ponha-se à escuta; para aditar nuvens ao Céu primeiro é preciso encontrá-las"; 2º "Feche os olhos e inspire fundo. Pense numa nuvem. Expire enquanto imagina a nuvem a ser empurrada para longe. Deixe surgir uma outra. Repita." Isto significa que o Céu de que nos falamos neste livro e este espetáculo não é um céu que fica num além, num espaço misterioso e inacessível, numa ilha desconhecida, mas é um céu que se situa, em primeiro lugar, dentro de nós, no nosso íntimo mais íntimo, povoado pelos nossos sonhos e com materiais criados por nós, bastando, para o começar a habitar, fechar os olhos, estender as mãos da imaginação e dançar ao som da música das nossas fantasias.

Sendo agora mais claro de que falamos quando falamos do céu por cima de cá, surgem outras perguntas que não podemos deixar de enfrentar: E como lá chegamos? De que nos servimos para aceder a ele, para o preencher, para nele nos movimentarmos?

O espetáculo e o livro, sem serem um receituário, apontam-nos alguns caminhos de que sublinharia três que me parecem fundamentais.

Em primeiro lugar, a escuta. O céu não está feito aí, à nossa espera. Tem de ser inventado, desenhado, construído. E para o construir é necessário começar por escutar. Escutar o mundo, porque se trata de um céu do lado de cá, escutar as pessoas, escutar a natureza, escutar os pássaros, escutar as nuvens que nos entram e saem da cabeça. São vários os momentos deste espetáculo que são feitos de escuta e que nos ensinam a escutar. É, por exemplo, o caso dos quotidianos filosóficos. Em vez de longas construções conceptuais, encontramos-nos com figuras (serão anjos?) que escutam e gravam imagens da terra, sons de cantos tradicionais, os humanos em movimento, a chegarem, a partirem e no seu trabalho, nas suas atividades, mostrando como a terra é vista do céu (do céu do lado de lá): jogos e festas, artes e ofícios, viagens também, e relógios, os relógios do tempo que não há no céu; e também passos e pássaros de papel (serão eles os anjos que passam para o lado de cá?) e árvores, e pássaros de novo, e as suas sombras, e os seus voos (serão os homens que dão voo aos pássaros ou os pássaros que fazem os homens voar?); e ainda procura, movimento, esforço, cansaço e repouso... Mas, à medida que avançamos para os últimos quotidianos filosóficos, tudo isto se

transforma em canto, nessa matéria etérea que é o som dos pássaros, pássaros pequeninos transportados por pássaros grandes que são os músicos sob a forma de anjos... E surpreendemo-nos depois com a leveza dos gestos, com as penas que fazem soar instrumentos musicais e também com palavras, com perguntas dos criadores, com a Babel das línguas, que são música na sua desarmoniosa harmonia. E eu que passei a maior parte da minha vida a filosofar com grandes filósofos, constato, de repente, que há muito mais filosofia no canto dos pássaros do que em todos os livros do mundo! E tudo isto entrecortado pelos chamados momentos de rogatório, que, no espetáculo, mais não são do que sinais de escuta, não do que nos transcende, mas do que está em nós, na terra, nas nossas dores, nas nossas dúvidas, nos nossos cansaços, nas nossas depressões, nas nossas incertezas... Além disso, nas instruções para a adaptação a novos lugares, a escuta desses lugares aparece como imperativo incontornável. O primeiro passo é, portanto, a escuta, mesmo quando a escuta se faz com os olhos, porque não basta olhar, é preciso ver com os ouvidos, como quem escuta, já que o olhar tem uma carga dominadora (ou não fosse o "Big brother" uma metáfora do olhar) enquanto o ouvido tem uma tonalidade mais solícita, mais recetiva, mais acolhedora...

O segundo caminho para aceder ao céu do lado de cá e o preencher é a memória. A memória é o que nos liga à história do mundo, à história dos homens, mas sobretudo à história daquilo e daqueles que amamos. Hoje fala-se muito da memória dos computadores, mas, se os computadores não amam, os computadores não têm memória. Têm armazenamento ou arquivo de dados, que é uma coisa diferente. A memória é a forma como aquilo que acontece e aqueles com quem nos cruzamos ressoam dentro de nós com temperatura afetiva. A memória move e comove. É dinâmica e não estática. Veste-se de emoções, de paixões e de desejos. E veste-se também de amor. Não é por acaso que, neste livro e no espetáculo que lhe corresponde, um dos primeiros textos é dedicado ao "princípio da memória", contando que a memória nasce quando uma cotovia transpõe para a parte de trás da cabeça o corpo do pai que tinha morrido. A memória nasce do amor, da necessidade de preservar aqueles que amamos, mesmo depois da sua ausência. E é com essa memória, que é uma memória afetiva, que se inventa o céu do lado de cá, os seres que o habitam, as coisas que o enchem. É com essa memória que olhamos e registamos as coisas que são da terra e que transpomos para os seus céus: os sons, as imagens,

as artes e os ofícios, o património e a história viva das terras e das gentes. O céu de lado de cá não é como o céu do lado de lá, onde nos disseram, quando crianças, que moravam as almas dos que morreram: a vida do céu por cima de cá é feita com a vida da terra do lado de cá registada pelos nossos anjos interiores que a recolhem em sons e em imagens e a transformam, por um processo de transubstanciação, na vida concreta dos sonhos que têm raízes na terra. Mas a memória é ainda o domínio do tempo: não há memória sem tempo. E se o céu de deus e dos anjos, o céu por cima de lá, é um céu da eternidade sem tempo, o céu por cima de cá é um céu do tempo que sucede ao tempo e do instante que sucede ao instante, um tempo que nasce e renasce, que roda, voa e se transforma, porque é o tempo do desejo e dos desejos (e desejo é o que não têm os anjos, nem os de cima de lá, nem os de Wim Wenders, porque neles dorme a paixão e a cor da vida). O tempo, que é o tempo da memória, é a quarta dimensão do espaço do céu do lado de cá e é, por definição, a dimensão fundamental da música, a arte do tempo por excelência. É por isso que a música é a caixa e a linguagem universal de *O céu por cima de cá*: o tempo é música e a música é tempo, e é no tempo e na música que vivem, dançam e dormem anjos e humanos neste céu que é o nosso ou nestes céus que são os nossos.

O terceiro caminho para aceder ao céu do lado de cá, ou talvez melhor para o inventar ou descobrir, é a imaginação. O algoritmo de adição de nuvens ao céu é todo ele baseado no exercício da imaginação, o que significa que, sem imaginação, o céu ficaria vazio. Também as instruções para ouvir um pássaro cantar, após o rogatório nº 2, são todas elas um apelo ao exercício da imaginação, e a imaginação tem aqui um sentido muito particular. É o que há de mais simples e ao mesmo tempo de mais complexo: “pensar em coisas bonitas”. Pensar em coisas bonitas faz nascer as árvores e a sua sombra, faz aparecer os pássaros e faz com que os escutemos, mesmo quando eles não cantam. O segredo deste espetáculo e deste livro é esse: pensar em coisas bonitas (ainda que muitas vezes vivamos coisas menos bonitas, porque os humanos também são capazes disso). Como o segredo do príncipezinho, que era ver com o coração, porque o essencial é invisível para os olhos. E é também a imaginação a arte de transformar os sons, os murmúrios, o vento, os sussurros e também os silêncios em música, quando a música ganha o primeiro plano nos dois últimos quotidianos filosóficos. E é ainda com imaginação que se transformam figuras de papel em pássaros que voam e cantam, que se

deambula entre nuvens, esferas, árvores e jardins inventados, que se entra no mais fundo de nós mesmos para, a partir daí, sermos projetados para o mais fundo dos outros e para o mais profundo do mundo ou para o mais etéreo, imaterial e ao mesmo tempo corpóreo do próprio céu. Porque, afinal, se não há céu sem memória, também não há céu sem imaginação.

Mas, depois da escuta, da memória e da imaginação, o que é preciso é meter mãos à obra, como diz o rogatório nº3: o céu não nos vem parar ao colo por uma graça do espírito santo, mas temos de ser nós a fazê-lo, com o que somos e o que temos, pois somos nós, como diz a última canção, que fazemos o sol brilhar, dando assim sol ao céu e céu ao mundo, porque, mesmo etéreo e imaterial, mesmo leve e intangível, o céu tem sempre o tamanho de todos os corpos do mundo e é também feito com o mundo de todos os corpos realmente existentes.

O Céu por cima de cá é como se fosse um poema sinfónico, uma peça musical encenada, coreografada e vídeo-composta em vários andamentos, envolvendo público e espetadores e mobilizando uma pluralidade de linguagens artísticas, do teatro e da poesia à música, à dança, à fotografia e ao vídeo, e jogando com os vários sentidos, do ouvido à visão e ao tato, e também com um sexto sentido, a que podemos chamar o coração, por ser esse que anima e põe em estado de alerta e de ação todos os outros: vemos com o coração, ouvimos com o coração, tocamos com o coração, cheiramos e saboreamos com o coração. E, se o espetáculo é um espetáculo lindo, graficamente o livro-filme é também de uma gratificante beleza.

O Céu por cima de cá é uma utopia e uma eutopia. Um lugar bom e feliz (*eutopia*) que parece não estar em lugar nenhum (*utopia*). Mas isso não é mais do que uma aparência. Porque descobrimos, no livro e no espetáculo, que ele está no lugar mais insuspeito: dentro de nós e no mais fundo da nossa interioridade. É um pouco como Youkali, de Kurt Weil e Roger Fernay, “terra dos nossos desejos, da felicidade e do prazer”. Talvez não exista o céu por cima de cá. Pode ser que não exista também Youkali. Mesmo assim, não deixo de vos confessar que, quando eu deixar de acreditar em Youkali, quando deixar de acreditar no céu por cima de cá, deixarei de criar, de escrever e de amar. E talvez seja esse o dia em que comece a morrer.

Paradela da Cortiça, outubro de 2021

João Maria André